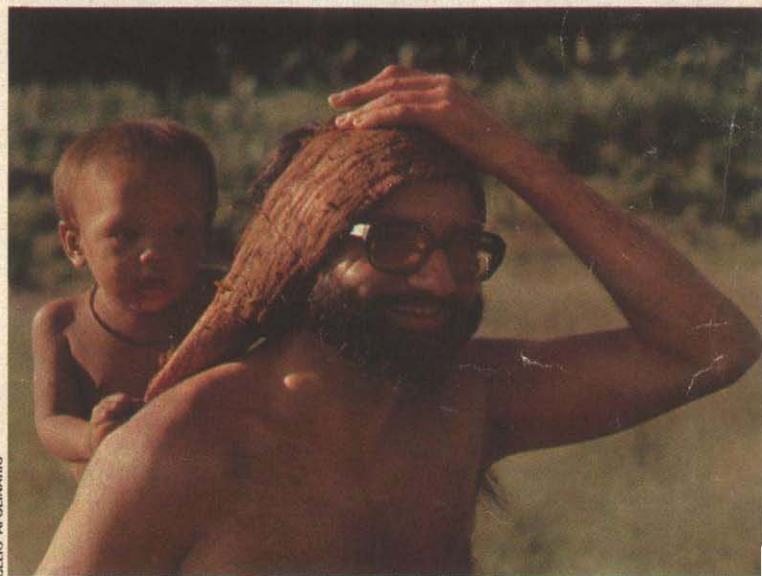


# COMO SALVAR O ÍNDIO?

*O padre Saffirio ama a tribo dos yanomani. Mas se sente culpado por 68 mortes*

**E**m um dos últimos desenhos do padre João Batista Saffirio, ele próprio aparece aflito, interpelando um jovem yanomani que emerge de seus mortos. "Por que desta vez vocês não vieram me avisar, antes que todos morressem?" E o jovem responde: "De que adiantaria procurá-lo? Foi você quem trouxe a doença. Teria sido melhor se nunca tivesse vindo entre nós". Saffirio, missionário da Congregação da Consolata, vive desde 1968 entre os índios yanomani, nas selvas de Roraima. E o hábito de desenhar, que adquiriu recentemente, coincide com um período de angústia para o padre, um italiano de 37 anos.

Em dezembro do ano passado, sem saber que um menino yanomani, internado num hospital de Boa Vista, capital do território, contraíra o vírus do sarampo, os missionários o trouxeram de volta a seu grupo, os Wuakathautheri (mora-



CÉLIO APOLINÁRIO

**Saffirio ficou nu: só assim os índios tiram a roupa**

dores do igarapé do tatu-canastra), localizados na margem esquerda do rio Catrimani, perto da missão chefiada pelo padre Saffirio. Embora a tribo estivesse vacinada contra a moléstia, a missão foi, em pouco tempo, transformada num hospital. Em fevereiro deste ano, o surto parecia sob con-



CELO APOLINÁRIO

**Missionários e índios numa vida comum: por que julgar outra cultura com a nossa moral?**

trole, porém outros grupos que haviam visitado os Wuakathautheri e contraído o vírus surgiram na missão em busca de socorro. Famílias inteiras foram então dizimadas. Entre adultos, velhos e crianças, contaram-se 68 mortos — uma terrível perda para aquela pequena tribo.

“Nesse momento, eu gostaria de estar morando na Terra do Fogo”, disse um inconsolável Saffirio a Ângela Ziroldo, de VEJA. “Desta vez, não foram peões, seringueiros ou caçadores que trouxeram a morte, fomos nós mesmos.” Perplexo, ele acrescenta, “é como se pegássemos com nossas mãos grossas frágeis borboletas. Nossa cultura é como essas mãos grossas, que rouba as cores e esmaga as asas dos yanomani.” Que fazer? “Isolá-los, alfabetizá-los, torná-los conscientes dos perigos que correm. Caso contrário, será o extermínio ou a escravidão.”

Será possível? Na verdade, “mãos grossas” haviam já entrado em contato com os yanomani algum tempo antes, em janeiro de 1974, quando chegaram os primeiros topógrafos encarregados de demarcar a rodovia Perimetral Norte. Em março do mesmo ano, começaram a aportar na região dos Catrimani levadas de peões, que desembarcavam de aviões em plena estrada, ou surgiam aos bandos, na curva do rio. Fascinados, muitos indígenas deslocaram-se para a estrada, onde se encontravam os machados, tratores, armas, cachaça. “Embora mais fraca do que a do início deste ano”, diz Saffirio, “a primeira epidemia, em junho de 1974, eliminou vinte índios.”

**A**os poucos, os peões das empreiteiras e subempreiteiras passaram a arregimentar mão-de-obra nativa para o exaustivo trabalho de desmatamento, muitas vezes pagando com um simples calção o trabalho de um dia. “Os índios”, prossegue Saffirio, “começaram a usar vários calções superpostos provocando, em alguns casos, sérias infecções de pele.” A lavoura já havia sido abandonada e os mais velhos passavam fome. Índios mais moços preferiam almoçar na cantina dos peões, enquanto suas compa-

nheiras se prostituíam. Completamente desenraizados, foram então batizados pelos outros grupos de “estrathetheri” — habitantes da estrada.

“Além disso”, explica Saffirio, “quando um peão ia embora, deixava suas roupas e ferramentas com o índio. Como nada era pedido em troca, o índio entendeu que aqueles objetos não tinham valor, e acabou jogando tudo fora, introduzindo o desperdício em sua cultura.” Quando surgiram os primeiros yanomani vestidos, padre João Batista Saffirio decidiu dar o que ele classifica de um “contratistemunho”. Tirou suas roupas e passou a andar apenas com o pênis amarrado, a tradicional maneira “yanomani de se vestir”.

Segundo ele, essa valorização de um aspecto da cultura indígena por parte de um civilizado produziu ótimos resultados. As roupas presenteadas pelos peões estão se estragando, e os índios não procuram substituí-las. “O grupo dos Wuakathautheri, por exemplo, morando a 3 quilômetros da estrada, continua a andar nu”, diz padre Saffirio com orgulho.

Uma atitude nem sempre bem compreendida por civilizados menos audaciosos: as freiras de Boa Vista, por exemplo, chocadas por este “estranho hábito”, deixaram de convidá-lo para rezar a missa, como costumavam fazer sempre que Saffirio passava pela cidade. Quase dez anos atrás, ao ser designado para substituir o padre João Calleri, massacrado ao tentar um contato com os waimiri-atroari, Saffirio afirma que “não tinha muitas idéias — talvez até imaginasse que índios eram pessoas a serem civilizadas”. E diz com uma ponta de ironia, “antes eu era um homem engratado, poluído, preconceituoso”. Resolveu, então, “tirar o colarinho e enfrentar a realidade”. Fundada em 1909, a prelazia de Roraima, que o inexperiente Saffirio descobriu no final dos anos 60, abrange uma área de 230 000 quilômetros quadrados, nos quais vivem cerca de 55 000 habitantes. Liderados pelo bispo Aldo Mongiano, trabalham atualmente em Roraima quinze padres, 35 irmãs e quatro irmãos, que se dividem por sete centros de ação missionária: Catrimani,

Caracará, Mucajá, Normandia, Taiano, Surumu e Boa Vista. Nessa área, as tribos indígenas são numerosas. Os yanomani, os wai-wai e os arredios waimiri-atroari se localizam nas selvas, e têm seu maior problema na abertura de novas estradas. Os wapixana, os tauarepang, os makuxi e os arekuna são índios de planície, região conhecida em Roraima como "lavrado". A grande dificuldade, nesse caso, é a terra.

**E**m 1917, o marechal Cândido Rondon demarcou uma extensa área do lavrado como reserva para os makuxi, jarikuna e tauarepang — região atualmente conhecida como Fazenda São Marcos. Após laboriosos estudos, a Funai redemarcou essas terras, mas é exatamente longe delas que se concentra a grande maioria das malocas, pois, aproveitando o descampado do lavrado, ali se estabeleceram sessenta fazendas que chegam a somar 40 000 reses. Segundo o padre Ludovico Crimella, 40 anos, administrador da prelazia e vigário da Vila Normandia, onde vivem brancos e índios, "o problema de terras está começando a surgir. Agora, os filhos dos 170 criadores de gado, que até há pouco viviam pacificamente com os indígenas, querem ocupar terras. Por enquanto", diz ele, "o governo aceita a mediação do padre, porque a terra é grande. Mas, aos poucos, os fazendeiros irão expandir seus domínios. A primeira providência, portanto, seria demarcar a área". Segundo o padre Crimella, os fazendeiros passam cercas por dentro das malocas, dividindo-as. As relações com o delegado da Funai são equilibradas. Mas reticentes.

## A Igreja também peca

*Do descobrimento do Brasil até aproximadamente 1910, quando surgem as primeiras iniciativas governamentais de proteção aos índios, a Igreja Católica foi, praticamente, a única responsável pelos trabalhos de assistência e defesa das comunidades indígenas nacionais. Contudo, durante esse longo período, muitos erros foram cometidos ao abrigo da cruz. Em nome da evangelização, crenças ancestrais foram destruídas; em nome da moral, profanou-se uma ética que havia há muito enraizada; em nome da cultura ocidental, milhares de índios foram batizados, crismados, casados, vestidos, penteados, vacinados e, em seguida, transformados em marginais.*

*Os missionários de hoje admitem tais pecados. E procuram não repeti-los na Amazônia, uma região onde até recentemente havia a impressão de que a floresta funcionaria eternamente como um anteparo contra o civilizado. Essa ilusão durou até meados da década de 50. A partir da construção de Brasília, estradas rasgam reservas; surgem projetos pecuários; tratores; incentivos fiscais; jagunços e companhias de mineração. O índio passa a ser visto como um "entranço ao desenvolvimento". O processo, como explica dom Tomás Balduino, presidente do Conselho Missionário Indigenista (Cimi), é quase sempre o mesmo: "Depois de atraído pelo sertanista, o indígena perde o vigor em defender o que é seu. Aliciado por quinquecentistas baratas, deixa de caçar e abandona a lavoura. Em seguida, vai para a beira da*

*estrada, até que a fome sacuda seu torpor. Com a fome, desenvolve-se a dependência. Os mais frágeis são os mais isolados: contatados em nossa década, os Kreen-a-Kahore foram reduzidos de 600 para sessenta em apenas dois anos".*

*Diante desse quadro — diz um religioso que prefere não se identificar —, a Fundação Nacional do Índio (Funai) comporta-se "como uma repartição pública, com poucos recursos e enormes limitações". E dom Tomás Balduino prossegue: "Se analisarmos detidamente a política indigenista brasileira, veremos que, no fundo, ela é uma maneira de conter, de confinar, tirando assim toda a chance de uma recuperação de valores e da dignidade do índio". Completou: "O problema dos índios é o problema que nós, civilizados, criamos para ele. E agora nós não sabemos ou não queremos resolvê-lo, porque somos ignorantes, soberbos e etnocêntricos".*

*Recentemente a repórter Ângela Ziroldo, de VEJA, esteve em Manaus, por ocasião do I Encontro de Pastoral Indígena Panamazônico, do qual participaram dez representantes do Brasil, quinze da Bolívia, Colômbia, Equador e Peru, quatro do Departamento de Missões do Celam e convidados de Conferências Episcopais da Guiana e Suriname. Partindo do princípio de que a Amazônia é um todo complexo, formado de um mosaico de etnias, os participantes discutiram, durante seis dias, as políticas indigenistas de seus respectivos países e as linhas do trabalho missionário*

*Sobretudo depois que o general Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da Fundação, decidiu interromper uma assembléia de 150 índios reunidos em Surumu, em janeiro.*

*Quando os padres da Consolata chegaram à região, em 1940, encontraram uma igreja missionária funcionando dentro de moldes tradicionais de desobrigas: seus antecessores, os beneditinos, percorriam a região anualmente casando, batizando e celebrando missas. Os padres da Consolata iniciaram outro tipo de trabalho: o religioso se fixa numa vilazinha de brancos e, a partir dali, começa a atender as aldeias indígenas da vizinhança, que incluem a maior parte da população; ou então se instala numa maloca de índios para atender também às vilas e fazendas da região. Oferecendo apoio logístico, existem na prelazia três hospitais, um ginásio, uma escola profissional e duas escolas primárias dirigidas pelos religiosos.*

*No internato de Surumu, com a finalidade específica de formar professores índios para as aldeias, procura-se evitar que o índio permaneça muito tempo longe de sua tribo — "uma maneira de evitar que o indígena se desgarre de sua comunidade e vá para a cidade", diz o padre Crimella.*

*Junto aos yanomani, padre João Batista Saffirio vem realizando um trabalho de vanguarda. Com rudimentos de antropologia, ganhou em cursos em São Paulo e em Belém, Saffirio, recém-chegado ao território, foi ajudado pelo padre lingüista Giacomo de Poli, autor de uma pequena gramática e, em seguida, pelo antropólogo Kenneth Taylor e sua esposa Alcida Ramos, que organizaram um dicionário*

*rio da Igreja junto aos índios. Abaixo, alguns depoimentos significativos de várias correntes do pensamento religioso contemporâneo:*

*Dom Moacyr Grecchi — bispo da Prelazia Acre-Purus: "Nossa Igreja assumiu uma presença muito discreta junto aos índios. Estamos com eles, vivemos e trabalhamos ao modo deles, naquilo que for possível. Se eles quiserem aprender, ensinaremos, procurando, no entanto, preparar professores entre eles. Queremos crescer com a comunidade, prepará-la para enfrentar o contato com o civilizado".*

*Padre Bindo Meldolesi — assistente das comunidades próximas a Boa Vista, capital de Roraima: "Não acredito em culturas isoladas. A salvação dos povos primitivos dependerá da aceitação de culturas universais. Ninguém até hoje conseguiu convencer-me da 'preciosa cultura dos índios'. A cultura que desejo lhes ensinar não é americana ou europeia, mas mundial".*

*Reverendo José Chipenda — angolano, protestante, encarregado da Defesa dos Direitos das Minorias do Conselho Mundial de Igrejas: "Preocupado em desenvolver um estilo de vida menos predatório, os jovens da Europa e dos Estados Unidos tentam justamente recuperar valores perdidos que estão vivos nas comunidades indígenas. Isto é: mais camaradagem entre indivíduos, cooperação, não acumular riquezas desnecessárias. O índio nunca destrói a natureza".*

de 2 500 palavras e um manual para treinamento da língua yanomani.

Composta de pequenas construções de madeira, onde moram Saffirio, o missionário leigo Carlos Zucchini e a fotógrafa Cláudia Andujar (que, graças a uma bolsa de estudos, documenta a vida da tribo, além de servir como enfermeira), a missão do Catrimani é modesta. Em frente às casas que incluem um pequeno ambulatório, há o campo de pouso e, ao fundo, cerca de 100 metros da missão, erguem-se as moradias dos Wuakathauteri.

Os dias na missão começam às 6 da manhã. O trabalho, logo depois do café: consertar casas, cuidar da roça, pes-car, visitar grupos que necessitam da presença de um padre. Padre Saffirio está tentando organizar uma cartilha para alfabetizar os yanomani em sua própria língua. Pois, como ele explica, "o índio está acostumado ao som das palavras de seu mundo — e fica muito mais fácil fazê-lo escrever 'opo' do que tatu".

**D**urante o Encontro dos Missionários recentemente realizado em Manaus, Saffirio criticou as cartilhas utilizadas pelos padres venezuelanos: "Parece que eles alfabetizam, ensinam higiene, corte e costura, etc... apenas para chegar à religião", diz ele. E acrescenta: "Não sou eu que vou chegar para os índios e afirmar que Deus disse cresci e multiplicai-vos. Esta idéia deve estar presente em sua própria cultura, viva em seus mitos. Tento apenas achar as palavras deles".

Padre Egidio Schwade — *secretário do Cimi*: "As comunidades indígenas poderiam sobreviver harmoniosamente, se permitirmos que elas resolvam seu destino. Quando deixamos que o índio se manifeste, desaparece a trágica alter-nativa integração ou extinção".

Padre Norberto Hohensherer — *diretor e vigário da missão salesiana Pari Cachoeira, no alto rio Negro*: "O problema da autodeterminação do índio é muito complexo. Nem tudo o que os índios querem da civilização é bom para eles. Uma casa coberta com folhas de palmeira é mais apropriada para a Ama-zônia. Mas os tukano, por exemplo, que-rem folhas de alumínio. Não se pode, por outro lado, julgar os métodos de evangelização do passado com a antro-pologia de hoje".

Padre Joaquim García Sánchez — *coordenador geral da pastoral de Iquitos, Peru*: "A interação dos missionários com as comunidades nativas influirá na visão total da Igreja. Sociedades, sistemas e estruturas serão questionados pelas so-ciedades indígenas. Na Conferência Epis-copal Peruana, fala-se mesmo de uma Igreja que é evangelizadora e de uma Igreja que é evangelizada".

Dom Tomás Balduino — "A renova-ção desperta ainda algumas desconfian-ças. Afinal, ela provoca um transtorno geral. Os grandes colégios, com suas ofi-cinas, roças e hortas, usam mão-de-obra indígena. O índio recebe, mas talvez ele dê muito mais. Desmontar tudo isso de um dia para outro não é fácil. Há tam-

Saffirio discorda também dos que falam nas "supersti-ções" dos índios, que, por exemplo, levam as mulheres yanomani a praticar o aborto se elas se sentem gravemente ofendidas por seus maridos, ou quando os filhos não têm pai ou responsável. "Não devemos introduzir julgamentos da nossa moral em uma outra cultura. Para os yanomani, uma criança sem pai não vai poder viver como um verdadeiro yanomani. Isso é um fato cultural deles." Saffirio limita-se nesses casos a aconselhar que não façam mais isso, "já que são tão poucos". Isso, sabendo que os yanomani desejam a vida, uma vida que seja íntegra e digna.

Depois de todo esse esforço respeitoso de identificação, Saffirio vai deixar os yanomani. Após a morte dos 68 ín-dios, ele pediu remoção a seus superiores. No mês de se-tembro, deverá seguir para Washington, onde pretende ficar alguns anos, estudando antropologia e lingüística. Fazendo um balanço de seu trabalho, Saffirio leva apenas um con-solo: "Recebi muito, mas muito mais do que pude dar. Fui, na verdade, evangelizado pelos yanomani. Eu não tenho as idéias que tinha quando cheguei aqui, nem pro-avelmente as que terei amanhã. Mas eles, acredito que não mudaram. Posso dizer que pelo menos não tirei a al-gria que sempre tiveram, num mundo de liberdade o se vive o dia de hoje. Se você chegar por exemplo para um yanomani e disser: agora você faz isso; ele responderá com uma simples palavra: *iñaxe*. Uma palavra que não tem tradução exata, que significa apenas: agora quero fazer o que quero fazer."



## As 41 prelazias do Brasil

bém o problema da inadaptação do mis-sionário às novas exigências. O mis-sionário tradicional é aquele que ensina, que sabe. Na condição de companheiro

do índio, entretanto, ele é o mais fraco, o mais desprovido. O índio sabe caçar, proteger-se da chuva e do mau tempo. O missionário está nu".